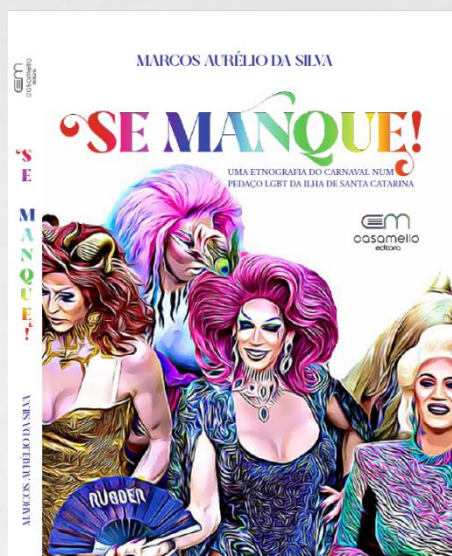


RESENHA
Se manque!
Uma etnografia do Carnaval num pedaço
LGBT da Ilha de Santa Catarina

Ozaías da Silva Rodrigues¹
Universidade Federal de Mato Grosso



SILVA, Marcos Aurélio da. *Se manque! Uma etnografia do Carnaval num pedaço LGBT da ilha de Santa Catarina*. Curitiba: Casa Mello Editora, 2021. 179 p.

RODRIGUES, Ozaías da Silva. **Se manque! Uma etnografia do Carnaval num pedaço LGBT da Ilha de Santa Catarina (Resenha)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (29): 557-562, maio a agosto de 2025. ISSN: 2358-5587

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Ricamente ilustrado por fotos de sua pesquisa de campo, o livro de Marcos Aurélio nos transporta à atmosfera do carnaval catarinense focando num pedaço urbano LGBTQ+. Com Prefácio de Sônia Weidner Maluf, orientadora à época de sua pesquisa, o livro tem Introdução, três capítulos e Conclusão, oriundo de seu mestrado em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tanto o Prefácio quanto a Apresentação do livro nos apontam uma questão central relacionada ao tempo: a pesquisa foi feita entre 2002 e 2003. Porém, o livro oriundo dessa pesquisa só foi publicado em 2021. Apesar de nossa preferência de ofício pela análise sincrônica dos fatos socioculturais, a leitura de uma pesquisa realizada duas décadas atrás nos permite fazer uma análise diacrônica que enriquece o objeto de estudo do autor, o que ele faz na Apresentação, indicando continuidades e rupturas no tempo e no espaço.

Uma outra questão se coloca fundamental: assim como eu, o autor do livro resenhado também é LGBTQ+ e realizou pesquisa com essa população. Em minha pesquisa de campo de doutorado a presença de quilombolas LGBTQ+ apareceu de forma tão contundente que tive de falar sobre essa presença (RODRIGUES, 2023), por mais que as pesquisas anteriores sobre a comunidade quilombola do Cumbe, localizada em Aracati (CE), não citassem essa população em específico – com exceção de uma monografia de Francisca Dandara Albuquerque (2022). Nesse caso, o ser LGBTQ+ dos/as interlocutores/as da pesquisa se encontrou com o ser LGBTQ+ do pesquisador, o que Marcos indica que também aconteceu com ele em sua pesquisa etnográfica. Essa questão é colocada pelo autor no primeiro capítulo, destacando o estranhamento do familiar e apontando a limitação do conceito de identidade quando falamos de sujeitos LGBTQ+.

Chamo atenção que no título do livro e nos títulos dos capítulos percebe-se um aspecto cardeal da sociabilidade LGBTQ+: a linguagem própria e o vocabulário que essa população utiliza no cotidiano, sobretudo quando estão entre os seus, entre os pares, algo que Marcos vai apontar como performance, como um contexto comunicativo específico. Na Introdução, o autor define o tema de sua pesquisa, mostra a complexidade dessa festa que é o Carnaval de rua no Brasil, revisitando obras e conceitos já consagrados nos estudos antropológicos sobre o tema, seja para apontar certas insuficiências ou certas possibilidades acerca das perspectivas e conceitos utilizados. O livro resenhado é uma etnografia urbana com certeza, algo que o autor vai pincelando ao longo de sua escrita, afinal, ele faz não só uma etnografia *na cidade*, com sujeitos *da cidade*, mas *da cidade*, aplicando bem conceitos como *pedaço*, *liminaridade*, *performance* e *territorialidade*.

O capítulo 1 - o maior do livro e intitulado “Cataclismas, Carnaval”: a *ferveção no pedaço* – é dividido em seis subcapítulos. Marcos nos fala sobre festas popu-

lares, montagem, vivências individuais, mudanças coletivas, pessoas homoafetivas ou não, os desejos, as classes e os lugares que marcaram e marcam a sociabilidade LGBT+ catarinense, mas não só. Uma das preocupações do autor é complexificar essa sociabilidade, para enfatizar que ela não cabe, de forma ortodoxa, em identidades fixas e delimitadas. A vivência LGBT+ de Florianópolis, por mais demarcada que seja, não é vista como uma espécie de gueto ou como exclusiva de quem é do vale – expressão mais contemporânea para indicar LGBTs. Além disso, os *pedaços* LGBTs são flutuantes, migram de acordo com as relações cotidianas que se tecem nos vários lugares da cidade, como as boates e os pontos de pegação.

Nessa alegria toda que são as festas e a sociabilidade LGBT+, as *drag queens* são figuras de destaque, estampando, inclusive, a capa e a primeira orelha do livro. Cada uma tem um estilo específico, bem como influências e performance específicas, que se tornam suas marcas registradas – são diversas, portanto, e como artistas que são, animam as noites e as festas LGBTs, sempre com muito close e fechação. Mas no meio disso tudo, é importante falar de uma questão que temos que falar quando tratamos da população LGBT+: o preconceito e a LGBTfobia. Ao mesmo tempo, é importante não falar somente dessa questão, não limitar nossa existência a uma autovigilância oriunda do preconceito difuso na sociedade. E o autor faz isso muito bem: mostra um quadro complexo e coerente das vivências LGBTs, com suas cores, amores e dores.

Entre outras coisas, o autor nos fala da pegação, da vida sexual dos LGBTs, mas não os reduz a isso, como um senso comum recorrente entre essa população reforça: nem só de pegação e sexo se vive uma pessoa do vale. Nesse sentido, há diversas vivências, afetos, relações e práticas sexuais entre essa população e desta com “os de fora”. Marcos interpreta os *pedaços* LGBTs como espaços que se movem, que se constroem, visto que não são fixos e permanentes. Da mesma forma, não dá para se falar em comunidade LGBT+, como costumamos ouvir amiúde, porque não há uma “sociabilidade única e solidária” (SILVA, 2021: 88) para que possamos assim definir essa população. Por isso o equívoco do uso desse termo para os LGBTs – algo que Marcos reforça no final do subcapítulo 6.1 – Fevereiro, 2002, carnaval (: 97-8).

Nos subcapítulos 6 em diante, as *drags* voltam à cena na narrativa e penso que essa parte do capítulo 1 seja o ponto central do livro, algo como o ápice, no qual as ruas, as pessoas, as cores, os amores e desejos aparecem com vivacidade e minúcia exemplares. Para Marcos, mais do que concretizar uma inversão, o carnaval realiza uma mediação de coisas, pessoas e práticas sociais. É interessante apontar que, de forma predominante, toda a imagética das fotografias do livro é uma imagética feminina, seja de *drags*, trans, travestis ou homens transvestidos com símbolos femininos. Talvez essa seja uma das mediações possíveis no carnaval: o domínio do feminino despontando sobre o masculino nas roupas, cores, trejeitos e adereços.

Nestes subcapítulos vemos a boa e velha observação-participante em ação, com mais nitidez, pois os detalhes brotam da narrativa, as dualidades das práticas afetivo-sexuais também, junto com as idiosincrasias dos/as interlocutores/as e da multidão anônima que ferve no carnaval de rua. Marcos passeia pelas ruas no carnaval de 2002 e narra tudo que vê: os distintos grupos de foliões, os bares e boates, os LGBTs e os cisheterossexuais, as *drags*, as trans e as travestis que concorrem no concurso Pop Gay, os blocos de sujos, os lugares preferidos para se festejar, as músicas, as fantasias, as performances artísticas, os *looks*, os acessó-

rios, entre outros elementos. Como finalização do primeiro capítulo, Marcos defende que o carnaval pode ser a oportunidade tanto da *inversão*, quanto da *intensificação* de performances homo e heterossexuais.

No capítulo 2 – “Eu tô louca”: *o lugar da performance*, o menor dos capítulos, o autor analisa o *camp*, que seria uma espécie de performance - verbal e corporal, sarcástica, bem humorada, de provocação e improvisação, enfatizando que o humor é pouco analisado nos estudos sobre sexualidade. Marcos escreve que: “esse humor trabalha constantemente em cima de discursos culturalmente produzidos a respeito das sexualidades, em que estereótipos são ressignificados e críticas aos comportamentos que têm se estabelecido nesses territórios são tecidas” (: 126). Entre outras coisas, o *camp* é a possibilidade de uma caricatura da caricatura sobre LGBTs, é a reapropriação e a reversão e intensificação de símbolos associados a essa população.

Como já apontei, ao tratar da ideia de performance, Marcos defende que a mesma é verbal e corporal, contextualizada, liminar, sendo a *drag queen* o melhor exemplo de uma performance *camp*, exagerada, estilizada e bem humorada, mas não é a única, visto que um comportamento fechativo e sarcástico faz parte do *camp* como um todo. Em síntese, o humor *camp* “é uma divertida e despreziosa brincadeira” (: 135), podendo ser visto como performance artística, como é o caso das *drags*, ou como performance social, quando entre amigos e “entendidos”. A performance tem significados contextualizados, próprios para uma comunicação interna de um grupo, como é o caso LGBTQ+. Ao longo desse capítulo a discussão sobre performance continua e o autor trata da antinomia ‘bichas loucas’ e ‘gays machos’, enfatizando que o humor *camp*, esteticamente andrógino e efeminado, foi perdendo espaço nos *pedaços* LGBTQs, mas que não deixou de existir, em vista de uma maior valorização de uma performance masculina/masculinizada.

O *camp* como ato de comunicação, com regras e sentidos próprios é variado em seus usos e funções dentro da sociabilidade LGBTQ+: pode ser usado para tecer críticas a comportamentos e ideias predominantes no meio LGBTQ+, ao estilo do que o velho ditado diz que “toda brincadeira tem um fundo de verdade”, para tratar de verdades inconvenientes, como uma relativa desvalorização da presença travesti nesse meio e dos trejeitos efeminados, ou como prática social agonística entre amigos e entendidos, na qual brincadeira, deboche, tensão e intimidade estão juntos e misturados. Acerca disso, vale trazer uma citação direta do final deste capítulo, quando o ator comenta sobre os diversos atores e performances que convivem nos *pedaços* LGBTQs:

O que não significa que os espaços de sociabilidade GLS se caracterizem por uma espécie de democracia total e aceitação livre das diferentes *performances* de seus frequentadores. Como todo *pedaço*, ali também há regras e hierarquias, bem como a ocorrência de hostilidades entre esses personagens, como acredito ser possível perceber através das performances *camp*.

[...] A busca por modelos mais digeríveis socialmente e a exclusão ou marginalização de personagens que antes foram ponta de lança na visibilidade, como as travestis, muitas vezes ficam esquecidas frente à ideia utópica de que “somos todos homossexuais” e “lutamos pelos mesmos direitos”. Mas tais hierarquizações estão presentes tanto na ocupação do espaço quanto nos discursos que se articulam neles. (SILVA, 2021: 140)

Há, portanto, tensões, particularidades, contradições e uma diversidade dentro do meio LGBTQ+, que não podem ser ignoradas, que não podem ser homogeneizadas. Não há comunidade política espontânea, como já defendi aqui. “Ao mesmo tempo em que revela esses conflitos, o *camp* também pode ser negado por conta deles” (: 141), afirma Marcos, mostrando que os usos desse humor variam

no tempo e no espaço e que somos, enquanto população, divididos em grupos, seja na ocupação dos espaços de lazer, seja na linguagem, na estética, nas negociações e nas alianças tecidas no cotidiano.

Já no capítulo 3, “Nas ondas do ser não ser”: *pessoa e liminaridade*, Marcos diserta sobre individualidades, liminaridades e subversão, a partir de uma poesia que abre o capítulo. Essa subversão é algo que o autor localiza na homoafetividade, que rechaça tanto o “modelo hierárquico” quanto o “modelo igualitário” (: 148-9). A liminaridade social ensejada no carnaval está na *drag queen*, por exemplo, que bagunça as noções fixas de masculino e feminino. Além disso, no carnaval surge um “eu essencial” (: 131), uma releitura que o indivíduo faz de si e da sociedade na qual se insere - a liberdade propiciada pelo carnaval é tão artificial quanto as fantasias. Marcos sugere que “o carnaval para estes “sujeitos da margem” é muito mais uma *intensificação* do que uma *inversão* estrutural (GREEN, 2000)” (: 153), intensificação essa da condição de liminaridade social homoafetiva e de sua *desterritorialização* e *reterritorialização* cotidianas.

O autor reforça isso ao sugerir que a sociabilidade LGBT+ concretiza uma visão carnalizada do mundo, como uma reação criativa à opressão social difusa quanto à homossexualidade, tendo um potencial subversivo e anárquico nas experiências sociais ou propiciando uma metamorfose identitária ambulante, para parafrasear Raul Seixas. A sexualidade é fluida e diversa, foge a estereótipos sociais criados pela cis heteronormatividade compulsória. O individualismo que Marcos menciona ao longo do capítulo, pode ser lido a partir da proposição que João Silvério Trevisan fez sobre um “individualismo anarquista”, que subverte noções tradicionais de militância e evidencia o caráter político de bagunçar a divisão binária de gênero, de sexualidade e de estética masculina e feminina. Nesse sentido, o autor enfatiza as performances estilizadas e políticas de *drag queens*, como Léo Áquila, retomando a importância do humor *camp* nelas.

Por fim, é preciso dizer que a população LGBT+ é composta de pessoas em constatação subjetiva, tanto de seus gêneros quanto de suas sexualidades, rejeitando a fixidez dos códigos sexuais normativos e ocupando os mais diversos espaços físicos e simbólicos. Como Conclusão o autor aponta que LGBTs são sujeitos marginais que positivam a própria marginalidade, reinventando-a cotidiana e criativamente. Marcos nos mostra como se vive um carnaval num pedaço LGBT+, relacionado vida, sexualidade, estruturas sociais e festa num mesmo argumento. Pela lente do autor vimos que a sexualidade não possui fronteiras rígidas, sendo o corpo e o cotidiano os lugares privilegiados de exercício dessa sexualidade. Também vimos como ao longo da segunda metade do século XX, as experiências homossexuais transitaram entre a discrição, o âmbito privado e a visibilidade e o espaço públicos. Há uma resistência coletiva e individual de LGBTs em seu cotidiano e há vida e humor para além do carnaval e das festas. É isso que o livro traz e mais um pouco.

Recebido em 30 de junho de 2025.
Aprovado em 30 de agosto de 2025.

Referências

ALBUQUERQUE, Francisca Dandara. *Territórios dissidentes: a experiência de raça, gênero e sexualidade na comunidade quilombola do Cumbe (Aracati/CE)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Geografia. Curso de Geografia. Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fortaleza, 2022. 36 fls.

RODRIGUES, Ozaias da Silva.. *“Possibilidade nos dias da destruição”: pandemia e a continuidade da vida entre remanescentes quilombolas do Cumbe – Aracati/CE*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024